

O IFSul como acontecimento em Sant'Ana do Livramento: uma análise discursiva sobre os processos de referencialidade a partir de textos dos seus estudantes¹

Cristina Zanella Rodrigues*

Resumo: A região limítrofe entre Brasil e Uruguai, onde se situam as cidades de Sant'Ana do Livramento e Rivera, vinha há muito tempo sendo relegada no âmbito de investimentos em políticas públicas voltadas para o desenvolvimento social e educacional. A cidade brasileira, considerada a segunda maior em extensão de terras do Rio Grande do Sul e ladeada pelo latifúndio, apenas em meados de 2006, viu ser instalada uma universidade federal e, em 2010, um instituto federal de educação. Diante desse quadro, em tarefa realizada na disciplina de Comunicação e Expressão em Espanhol e Português (CEEP), foi proposto aos alunos escreverem um texto que falasse sobre o Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) câmpus Santana do Livramento (SL), onde estudam. Com base teórica na Análise do Discurso, este trabalho tem como objetivo analisar, levando em consideração a referencialidade numa perspectiva discursiva, os possíveis efeitos de sentido constituídos a partir da forma como os sujeitos fazem referência ao IFSul, considerando sua instalação na cidade como acontecimento. O *corpus* se constitui de quatro textos de estudantes do 1º semestre do curso binacional subsequente Técnico em Informática para Internet, três de estudantes brasileiros e um de estudante uruguaio. Considerando o percurso histórico das políticas públicas em educação para essa zona fronteiriça, a análise do *corpus* possibilita identificar, nos movimentos de sentido, formas de referenciar que se mostram opacas e sujeitas ao deslize.

Palavras-chave: Discurso, Escola Binacional, Referência.

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Linguística, Letras e Artes.

¹ Este texto é resultado do projeto de pesquisa *Interação no espaço educativo binacional: língua[s] em discurso* e contou com financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-IFSul. Agradeço a colaboração da Prof^a. MS. Circi Lourenço para constituição do *corpus* deste texto, bem como para a análise discursiva, e da bolsista Mitali Daian Alves Maciel, responsável pela transcrição dos textos e inclusão destes no Banco de Dados por ela desenvolvido.

Abstract: The region located in the border between Brazil and Uruguay, where side by side stand the cities of *Sant'Ana do Livramento* and *Rivera*, for long time had been relegated in the investments on politics concerning public education and social development. The Brazilian city - considered the second one in extent of land in the state of *Rio Grande do Sul*, and flanked by landlordism -, merely in the year of 2006, got the first Federal University, and, in 2010, a Federal Institute of Science and Technology. With reference to this conjuncture, in the class of Communicating and Expressing in Spanish and English (CESE), it was asked to the students to write a text about the school where they study, the *Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) campus Santana do Livramento (SL)*. In this paper, sustained on Discourse Analysis, we aim to analyze, considering the referentiality in a discursive perspective, the possible effect of significance constituted from how the subjects manner to refer to *IFSul*, taking in consideration its settlement in the city as an historical event. The *corpus* is formed by four texts written by students attending their first semester of the binational course of *Technical in Computing for Internet*, three of them written by Brazilians and one by a Uruguayan. Taking in knowledge the historical trajectory on the politics for public education at this border region, the analysis of the *corpus* turned possible to identify, trough the movements of significance, that the different ways to refer are opaque and tending to slide.

Keywords: Discourse, Binational School, Reference.

1. Introdução

Este artigo é resultado de uma análise de textos produzidos pelos primeiros estudantes do IFSul (Instituto Federal Sul Rio-Grandense) no câmpus Santana do Livramento² (SL) sobre a própria escola onde estudam, e tem por base teórica a Análise do Discurso (AD) comumente chamada de linha francesa.

De acordo com este referencial teórico, a língua é compreendida como um sistema, porém nela incide o equívoco, uma vez que é afetada pela história e pela ideologia. Daí se dizer que ela tem uma autonomia relativa. Portanto, em AD, opera-se uma distinção entre o que seja base linguística e processos discursivos.

Essa distinção entre base linguística, relativamente autônoma, e processos discursivos/ideológicos que se desenvolvem sobre a base parece-nos fundamental por fazer da relação do linguístico com o ideológico a materialidade mesma do discurso: só ela pode autorizar a relevância das relações de contradição, antagonismo, aliança, absorção (...) entre formações discursivas que pertençam a formações ideológicas diferentes e dar conta, assim, do fato de que, em determinado estado das relações sociais, “sujeitos falantes”, tomados na história, possam concordar ou discordar sobre o sentido dado às palavras, falar diferentemente, falando exatamente a mesma língua. (COURTINE, 2009, p. 33)

Essa perspectiva discursiva materialista leva em conta as condições de produção (CP) do discurso a partir das quais é possível vislumbrar o movimento de sentidos, pois estes não são considerados consoantes com as condições de verdade observadas empiricamente, como se o sentido de uma palavra estivesse imotivadamente atrelado a ela; ao contrário, em razão das condições de produção do discurso e dos deslizamentos advindos de uma rede interdiscursiva que aí funciona o sentido pode ser outro. Nas palavras de Pêcheux e Fuchs,

o ‘sentido’ de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva³ (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos) (1997, p. 169).

A possibilidade de deslizamentos de sentidos relaciona-se com a noção de efeito metafórico, entendida por Pêcheux (1997, p. 96) como “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre *x* e *y* é constitutivo do ‘sentido’ designado por *x* e *y*.” O que indica que, duas ou mais palavras ou expressões, quando se consideram

² A grafia do nome da cidade é com apóstrofo: Sant’Ana do Livramento, mas o do câmpus é Santana do Livramento.

³ Formação discursiva, consoante com AD, é entendida como o conjunto de saberes que determina o que pode e deve ser dito, uma vez que o sujeito está nela submerso e é afetado pelos esquecimentos nº 1 e nº 2 (o primeiro diz respeito à ilusão do sujeito de que ele é a fonte do dizer, e o segundo que aquilo que diz só pode ser dito daquela forma).

as condições de produção do que é dito, propiciam diferentes sentidos. E este fenômeno é constitutivo do funcionamento da língua, é inerente a ela; portanto, o processo de metaforização em AD não se confunde com a concepção retórica de figura de linguagem.

Conforme Orlandi, as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”. Para a autora, é possível pensar as condições de produção em sentido estrito, como circunstâncias da enunciação levando em conta que aí também trabalha a memória, e em sentido amplo, quando entra em jogo a mobilização do contexto sócio histórico ideológico (ORLANDI, 2003, p. 30). De acordo com Courtine, “a noção de CP do discurso apresenta um conteúdo ao mesmo tempo empírico e heterogêneo” (2009, p.51), o que nos leva a pensar que esta distinção entre imediata e mediata deve ser trabalhada na sua instabilidade, e relacionada à constituição do *corpus discursivo* objeto de análise.

A partir da proposta da professora da disciplina de Comunicação e Expressão em Espanhol e Português (CEEP), foi solicitado aos alunos escreverem um texto onde falassem sobre o Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) câmpus Santana do Livramento. Trazendo o que foi dito anteriormente sobre as condições de produção, pode-se considerar que as circunstâncias de enunciação, num primeiro momento, constituem-se no espaço da sala de aula de uma escola binacional, durante um período de cerca de duas horas/aula, em que o sujeito-enunciador é o estudante que escreve um texto para o ‘destinatário’, o sujeito-professor que irá avaliar. Nessas circunstâncias ‘imediatas’, podemos reconhecer a interferência das formações imaginárias no que é produzido discursivamente, pois os lugares institucionais de professor e aluno, historicamente determinados, geram imagens que são representadas no processo discursivo em tela.

Essas imagens, conforme Pêcheux, relacionam-se aos lugares determinados na estrutura da formação social e “estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo” (1997, p. 82). Assim, o que funciona nos processos discursivos, para o autor

é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. (...) regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). (PÊCHEUX, 1997, p.82).

Mas é preciso levar em conta também as condições de produção sócio-ideológicas, conforme referido por Orlandi, que aqui diz respeito à cidade de Sant’Ana do Livramento e sua condição de historicamente “esquecida”, relativamente aos investimentos públicos em educação, e ao IFSul como um acontecimento histórico neste espaço fronteiro.

2. As condições de produção: Sant’Ana do Livramento e o IFSul como acontecimento

Pode-se dizer que a cidade de Sant’Ana do Livramento está num recôndito canto do estado do Rio Grande do Sul, na fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

Situa-se a 498 km da capital gaúcha Porto Alegre e a 500 km da capital uruguaia Montevideú. Ladeada pelo latifúndio, pois sua economia tem base forte na agropecuária, tem por cidades mais próximas: Dom Pedrito (131 km), Quaraí (109 km), Rosário do Sul (105 km) e, pelo lado uruguaio, Tacuarembó (116 km). Dados estes que consolidam o município de Sant’Ana como a segunda maior do estado, contando com cerca de 6.950,37km² de área.

Berço de personagens ilustres, desde políticos a artistas e tradicionalistas, é considerada modelo de fronteira: sendo denominada de “Fronteira da Paz”. E neste sentido, vale explicar que se trata de uma fronteira seca, ou seja, o que divide Sant’Ana do Livramento de Rivera (cidade irmã) é uma linha imaginária. Não há obstruções geográficas, como montanhas ou rios. No parque internacional, marco turístico onde estão localizadas as bandeiras dos dois países e onde acontecem grandes eventos, é possível colocar um pé em território brasileiro e outro em território uruguaio. Ao circular pelas ruas das cidades, por vezes o sujeito, sem se dar conta, sai de um país e entra no outro. Característica fronteiriça que lhe torna bastante singular em detrimento de outras fronteiras brasileiras.

E não é uma cidade jovem. De acordo com as informações da página virtual da Prefeitura⁴, o início do processo de colonização iniciou-se em 1810, quando as disputas pelo território eram feitas através de lutas sangrentas.

Nasceu de um período de guerras, quando a posse da terra dependia da sorte das armas e quando as instáveis fronteiras eram defendidas com as pontas das lanças, das patas dos cavalos e do gume das espadas, em combates de peito a peito, de ombro a ombro, de pupila a pupila. (Texto sem autoria retirado da página virtual da Prefeitura de Sant’Ana do Livramento, conforme nota de rodapé nº 2).

Em 30 de julho de 1823, foi construída a capela definitiva com a denominação de Nossa Senhora do Livramento, e é esta a data que assinala a fundação oficial da cidade, constituindo-se como município em 1857.

A economia da cidade é sustentada basicamente pela agropecuária, com destaque para produção de ovinos, e também pelo comércio e turismo advindo da sua característica de fazer fronteira com o Uruguai e a grande quantidade de free shoppings. Além disso, há a vinicultura, pois a cidade situa-se no famoso paralelo 31, que propicia um clima ideal para o plantio de uvas.

Em 2010, contabilizava 82.513 habitantes, segundo dados do IBGE trazidos por Citolin em sua tese de doutorado. Conforme a autora, há vários indicadores sociais e econômicos que geram preocupação.

Segundo o Censo 2010, trata-se do município gaúcho que, na década, perdeu o maior número de moradores: 8.336, um recuo de 9% em relação a 2000. Grande parte desse êxodo deve-se à busca de oportunidades, inclusive de ensino, em outros lugares, uma vez que Livramento enfrenta desafios de várias ordens, amplificados nos últimos anos. [CITOLIN, 2013, p.43]

⁴ Disponível em: <http://www.sdolivramento.com.br/new/index.php?pagina=cidade.php>. Acesso em 6/2/2014.

Isso corrobora o fato de que por muito tempo, a cidade foi “esquecida” nos projetos de investimentos em políticas públicas voltadas para o desenvolvimento social e educacional. Era necessário promover o crescimento regional que possibilitasse condições essenciais para a permanência dos cidadãos na região e sua qualificação profissional. Seja por razões políticas e econômicas, seja por questões geográficas⁵, por muitos anos, apenas a Universidade Regional da Campanha (URCAMP) estava estabelecida na cidade e isso aconteceu em 14 de julho de 1992⁶ quando foi inaugurado o câmpus. A URCAMP é uma instituição de ensino privada, o que significa que apenas uma pequena parcela da população tinha meios para ingressar e arcar com o custo das mensalidades, fato que deixava grande parte da população sem qualquer opção para seguir os estudos. E este dado é relevante porque muitas pessoas foram obrigadas (ainda que algumas tenham preferido) a deslocar-se para outras cidades, como Porto Alegre, Santa Maria, Caxias do Sul e Pelotas em busca de educação e trabalho. Enquanto outras aqui (ou ali?) ficaram, mas sem a oportunidade de avançar nos níveis de estudo formais.

E foi apenas em meados de 2006, que a cidade viu ser instalada uma universidade federal e, em 2010, um instituto federal de educação, cuja proposta é oferecer educação pública, gratuita e de qualidade. Assim, a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - câmpus Santana do Livramento – iniciou as atividades em 2006; e em 2010 é instalado o Instituto Federal Sul-rio-Grandense (IFSul) com início das aulas em fevereiro de 2011.

O IFSul, através de uma parceria internacional com a *Universidad del Trabajo del Uruguay* (UTU), possibilitou a criação do primeiro curso binacional: em Livramento, o Curso Técnico de Informática para Internet; e em Rivera, o curso de *Control Ambiental*⁷ – o que significa que o certificado de conclusão é válido automaticamente nos dois países, ou seja, não é necessário revalidar. A materialização desta proposta é inédita e surge como um acontecimento que irrompe no âmbito da educação brasileira e uruguaia, constituindo um espaço onde interagem sujeitos imersos em diferentes culturas e que fazem uso de mais de uma língua, pois as vagas oferecidas em cada instituição são preenchidas com metade de alunos brasileiros e metade de alunos uruguaiois. Assim, por exemplo, numa turma de vinte alunos, como no caso do lado do Brasil, dez são brasileiros e dez são uruguaiois.

É preciso esclarecer que o conceito de acontecimento é teorizado na AD, e é entendido como aquilo que irrompe na ordem do discurso, fazendo surgir algo novo. No caso, as condições de produção desta fronteira tornaram propícia a consecução deste projeto internacional. Por isso, a instalação do IFSul pode ser considerada, por um lado, um acontecimento histórico, haja visto ser binacional e atender a um anseio dos cidadãos santanenses e riverenses no que diz respeito às políticas públicas para educação; por outro, um acontecimento

⁵ Talvez fosse importante esclarecer que o trajeto entre a cidade de Sant’Ana do Livramento e as demais citadas “corta” basicamente campos de plantio e de pastagem.

⁶ Disponível em: <http://site.urcamp.tche.br/institucional/historico>. Acesso em 6/2/2014.

⁷ Estes foram os primeiros cursos. Para o ano de 2014 já são oferecidos, sempre na forma binacional, os cursos Técnico de Informática para Internet (também na modalidade integrada e não apenas subsequente), Técnico em Energias Renováveis e Técnico em Eletroeletrônica pelo IFSul; e Logística, pelo lado da UTU.

discursivo, porque instaura novas discursividades a partir desse acontecimento histórico. A peculiaridade de ser binacional trouxe para ambas as instituições de ensino – brasileira e uruguaia – situações bastante peculiares no que tange desde questões pedagógicas a questões de ordem de relações internacionais. Em outras palavras, por ser inédita a proposta, não há regulamentação sobre algumas questões, o que obriga, muitas vezes, que se criem algumas normas e orientações para dar conta de solucionar os problemas, desbravando o inédito e criando outros discursos.

O espaço educativo binacional se constitui num espaço discursivo, onde os sujeitos transitam entre lugares institucionais e posições-sujeito. Para a AD, o sujeito é interpelado pela ideologia e afetado pelo simbólico e pela história.

Ao ser constituído pela linguagem, o sujeito encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito enquanto *efeito de linguagem*. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como *assujeitado*. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra como *desejante*. Efeito de linguagem, *assujeitado e desejante*, eis, então, nossa categoria em toda a sua complexidade e heterogeneidade, unida de modo indissolúvel, na topologia do nó borromeano, *à linguagem, à ideologia e à psicanálise*. (LEANDRO FERREIRA, p. 104, 2007)

O presente trabalho tem por objetivo analisar como os sujeitos, habitantes desta fronteira e estudantes deste espaço binacional, fazem referência ao IFSul câmpus Santana do Livramento nos seus textos produzidos na disciplina de CEEP.

3. Referencialidade a partir da análise discursiva

Partindo do pressuposto teórico referido anteriormente de que o sentido, em AD, não é concebido como algo estanque e “verdadeiro”, mas como um efeito produzido pelos processos metafórico e parafrástico, é que se trabalha a questão da referencialidade.

De acordo com Pêcheux e Fuchs,

a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a “matriz do sentido”. Isto equivale a dizer que é a partir das relações no interior desta família que se constitui o sentido, assim como a relação a um referente que implique este efeito. (1997, p. 169)

Além do processo parafrástico, na língua funciona também o processo polissêmico. De acordo com Orlandi,

todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. [...] A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. (2003, p. 36)

É porque o sentido pode vir sempre a ser outro, em razão desses processos, que o efeito metafórico é constitutivo da língua e relaciona-se com a questão da referencialidade e da designação.

Zoppi-Fontana, citando Guimarães (1995; 2002), compreende o processo de designação “como relações de referência instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições de sujeito” (2003, p. 250), num processo de relação com o interdiscurso⁸ e com os processos parafrástico e polissêmico.

Conforme a mesma autora, citando Mariani (1996), “a referencialidade é uma operação de base linguística que envolve mecanismos de substituição, construção de ‘sinônimos’ e paráfrase pelo interdiscurso” (ZOPPI-FONTANA, 2003, p. 250). E complementando com Henry (1990), ela acrescenta que

são as relações de substituição estabelecidas entre as diversas designações nas formulações que permitem fixar as relações de referência (produzindo assim um objeto de referência) e não o contrário. É a substituíbilidade da unidade (a designação) num discurso, que lhe confere neste discurso caráter referencial, constituindo o objeto do discurso em objeto exterior. Neste sentido, a análise das famílias parafrásticas que se estabelecem entre as formulações permite delimitar, a partir (entre outros) dos processos de designação, as posições de sujeito que configuram os enunciados. (ZOPPI-FONTANA, 2003, p.250)

Veremos, na análise que segue, como as relações de referencialidade se manifestam nos discursos dos sujeitos, produzindo diferentes efeitos de sentido.

1) posição de quem foi embora e voltou:

SDR⁹ 1: Estava morando em Blumenau, SC, uma cidade linda, *não queria voltar de lá de jeito nenhum, já não me imaginava mais em Santana do Livramento*. [S3]¹⁰

Podemos observar aqui o marcador de negação (*não queria voltar e não me imaginava mais*), que retoma do interdiscurso o triste fato de estagnação da cidade de Sant’Ana do Livramento que não oferecia a este sujeito as oportunidades que buscava. A expressão adverbial *de jeito nenhum* serve como um intensificador desta ideia, demonstrando que algo estava consolidado. Porém, percebe-se, ao mesmo tempo, que a decisão de não voltar é atenuada pelos verbos *queria* (futuro do pretérito) e *imaginava* (imperfeito do indicativo), indicando que o sujeito precisou assumir uma posição contrária aos seus desejos.

2) posição de quem ficou (ou nunca saiu) e estava na expectativa:

SDR 2: *antes do IFSul nascer*, eu já era padrinho *da criança*. [S1]

SDR 3: primeira turma do meu *afilhado* [S1]

SDR 4: meu *afilhado* vai crescer forte [S1]

⁸ Interdiscurso entendido como “o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavras.” (ORLANDI, 2003, p. 31)

⁹ Sequência Discursiva de Referência.

¹⁰ Como são quatro textos de quatro sujeitos diferentes, serão utilizadas S1 para referência ao texto do Sujeito 1 e assim por diante até S4.

SDR 5: *E chega o tão esperado dia. Vão começar as aulas no IFSul. Mas antes é preciso pegar o ônibus. E antes disso é preciso esperar por ele, e como demora.* [S2]

SDR 6: *ainda existia uma luz no fim do túnel* [S3]

Nas SDR acima se percebe que a triste questão da falta de investimentos em políticas públicas para educação é retomada. É possível perceber a ansiedade para que um investimento assim fosse efetivamente consolidado. Esse efeito de sentido é possível: pelo uso do advérbio temporal *antes*, pela maneira como os sujeitos fazem referência ao IFSul (*criança, afilhado, ônibus, luz no fim do túnel*), pelos verbos *nascer* e *chega*, pela expressão nominal *tão esperado dia*, pelo operador *mas*, pelas locuções verbais *é preciso esperar* e *é preciso pegar o ônibus*, e pela oração *e como demora*. Vejamos como isso ocorre.

O advérbio *antes* delimita uma questão temporal. Assinala um marco de mudança na situação: institui-se o IFSul como acontecimento, algo que irrompe e altera a ordem das coisas. E este acontecimento vem carregado de esperança de que as coisas melhorem. Há um otimismo aí, regado de satisfação por uma longa espera. Esta representação da escola e sua importância para a cidade é avivada pela forma como são feitas as demais referências ao IFSul, e como são usados os verbos, locuções verbais, expressão nominal, operador e oração, destacadas no parágrafo anterior.

Porém, em cada uma destas formas é possível discernir efeitos de sentido distintos, pois retomam diferentes saberes do interdiscurso, colocando em funcionamento os processos parafrástico e polissêmicos, provocando deslizos a partir dos efeitos metafóricos aí presentes. O caso de *criança* e *afilhado* traz a ideia de consecução de um projeto e, aliado ao verbo *nascer* e à expressão *tão esperado dia*, produz um efeito de paciência e planejamento. Afinal, está incutida, neste verbo e nesta expressão, a ideia de que um tempo é necessário passar para que o nascituro venha à luz, a semente se transforme em flora ou chegue o dia de início das aulas. Existe aí uma “gestação de luta” retomada do interdiscurso, algo que não se pode apressar (afinal, ninguém espera um bebê prematuro, nem vai colher a semente antes que ela desabroche ou chegar à escola antes que inicie o ano letivo), mas que vem sendo planejada há muito tempo. Apesar de ser urgente que algo mude na cidade em relação à educação, ainda assim se tem paciência para esperar, para que tudo, ao final, saia como planejado. Há aí uma forte presença da inexorabilidade do tempo. E isto está marcado no operador *mas*, pois ao mesmo tempo que se sabe que é necessário algo nascer para ocasionar a mudança, também é preciso esperar o tempo indispensável para que as coisas saiam perfeitas. Todas estas marcas, talvez em especial o *mas*, colocam em evidência a contradição entre a urgência/ansiedade e a espera necessária.

Na SDR 5, o sujeito relata sua ida ao primeiro dia de aula. E tem que pegar o *ônibus*. E mesmo que o sujeito não tenha feito referência direta ao IFSul como sendo um *ônibus*, pela forma e pelo contexto em que ele surge é possível perceber o deslize provocado por este efeito metafórico. Se falávamos acima da contradição entre a urgência/ansiedade e paciência, é lícito considerar que *ônibus* aqui pode ser considerado uma referência ao IFSul, pois, aliado à *e como ele demora* e *é preciso esperar*, vê-se movimentar saberes similares ao interdiscurso abordados anteriormente acerca de *criança, afilhado* e *nascer*. O IFSul torna-se, então, aquele veículo capaz de levar a outros lugares de

conhecimento, e que também demora, tem hora para passar no ponto, mas que às vezes atrasa. E é um transporte que não se pode arriscar perder – *é preciso pegar o ônibus* – pois do contrário, mantém-se no passado, no período de vazio e falta de oportunidades.

E o último aspecto relativo a estas SDR trata da expressão *luz no fim do túnel*: o IFSul aqui é referenciado como uma última esperança. Neste caso, trata-se de S3, que em (1), não tinha mais desejo de voltar à cidade, pois isso representaria retrocesso. A referência ao IFSul como *luz no fim do túnel*, mobiliza saberes do interdiscurso que reiteram o fato de cidade estar desprovida de oportunidades há muito tempo. O *túnel* aqui é o longo caminho escuro pelo qual a cidade atravessava, e a *luz*, o IFSul, capaz de trazer esperança para aquele que, diferente de S1 e S2, não tinha expectativas otimistas. A posição assumida por S3 é diferente de S1 e S2: o primeiro espera a *criança*, o segundo o *ônibus*, mas o terceiro esperava a mesma estagnação já conhecida e foi surpreendido com a mudança gerada pelo acontecimento da implantação da escola binacional. Assim, no discurso de S3 ressoa a falta de políticas públicas em educação na cidade, tal como em S1 e S2, mas lhe falta o planejamento e a esperança. Processo semelhante a S3 ocorre com S4, como veremos a seguir.

3) posição de quem ficou (ou nunca saiu) e foi pego desprevenido:

SDR 7: *el 27 de febrero de este año me llaman por telefono; Era una funcionaria de la UTU informando que se iria llevar a cabo el sorteo¹¹ ... Eram las cinco y media de la tarde, y le pregunto a la funcionaria quando seria el sorteo. I ella me contesta – Ahora a las seis. Salí corriendo de mi trabajo para allí... [S4]*

SDR 8: pude preguntar a la funcionaria ? quando comiezan las clases? ella – hoy à las 19:00 hs [S4]

Pode-se perceber, já de início, que S1, S2 e S3 são brasileiros, uma vez que seus textos estão escritos em língua portuguesa, e que S4 é uruguaio, pelo uso que faz da língua espanhola. E essa é uma característica da escola binacional: os estudantes são livres para escreverem na língua em que se sentem mais confortáveis¹², o que geralmente leva-os a escreverem na sua “língua materna”¹³. Nesta altura, é possível dizer que são mobilizados diferentes saberes do interdiscurso quando se trata da diferença entre os discursos de S1, S2 e S3 e de S4. Esclareço: se na análise dos discursos de S1, S2 e S3 pode-se ver a memória sobre a estagnação da cidade e, especificamente em S1 e S2, a contradição entre a urgência/ansiedade e a paciência, e a falta de esperança em S3, em S4 se vê que não havia expectativa, ou planejamento para algo que iria *nascer* ou

¹¹ O sujeito fala em *sorteo* porque o sistema de ingresso no Uruguai é diferente do Brasil. Enquanto aqui há processo seletivo (mesmo que gratuito e classificatório, e não eliminatório por média, pelo menos no caso do IFSul), lá todos ingressam sem precisar fazer qualquer tipo de prova, porém como se trata de uma seleção para ingresso numa escola brasileira, a solução encontrada para o limite de vagas foi o sorteio. Outra peculiaridade sobre as questões novas que esta escola binacional trouxe à tona.

¹² Sobre esta questão das línguas no espaço binacional, há um texto meu, no prelo, para ser publicado como capítulo de livro cuja temática é sobre a educação na fronteira.

¹³ Esta questão de “língua materna” na fronteira suscita reflexão mais acurada, que trato no texto referido na nota anterior, pois é comum os sujeitos serem filhos de mãe uruguaia e pai brasileiro ou vice-versa, o que ocasiona a pergunta feita por um estudante em aula: “professora, qual seria a minha língua materna?”. Por isso coloquei a expressão entre aspas, e prefiro a expressão língua em que se sente mais confortável.

para chegar ao ponto de *ônibus* e esperá-lo, nem uma referência ao processo de falta de oportunidades em Rivera (no caso), como a *luz no fim do túnel*. S4 foi pego desprevenido, ideia que pode ser retirada da expressão *salí corriendo*, ou seja, ele não estava à espera, teve que sair correndo porque o tempo urgia. Movimentam-se aqui outros saberes do interdiscurso que estão relacionados ao fato de que estes sujeitos ocupam diferentes posições em diferentes formações discursivas e diferentes formações culturais¹⁴.

Assim, S1 e S2 estavam na expectativa, S3 estava na desesperança, S4 foi pego de surpresa, e tal surpresa está assinalada também nos marcadores de tempo: *el 27 de febrero* era o dia (*hoy*) em que aconteciam as duas coisas, o sorteio *a las cinco e media* e o início das aulas *as las 19:00 hs*. E *las cinco y media* ele é chamado para um sorteio marcado para *ahora a las seis* – vê-se que mesmo temporalmente ele tenha conversado com a secretária meia hora antes do *ahora*, ela “antecipa” o sorteio, dizendo que o agora das seis da tarde é o agora das cinco e meia, quando está ao telefone com ele. É um efeito de sentido provocado pelo deslize que este advérbio produz nestas condições de produção, o *ahora* adquire um status mais voltado a um futuro próximo, do que propriamente um presente pontual. De acordo com Fiorin, é o discurso que instaura um agora, levando em conta o acontecimento e mobilizando uma anterioridade e uma posteridade: “o agora é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia [...] e é gerado pelo ato de linguagem” (FIORIN, 2001, p. 142). Por tais considerações, é lícito dizer que este *ahora* encerra tanto o presente como o futuro, e transmite também a ideia de urgência. Mas aqui a urgência não está atrelada à paciência, como em S1 e S2, está vinculada à pressa e à surpresa, pois os tempos aí, no *ahora*, colidem e se (con)fundem.

4. Considerações finais

Após este percurso de análise, chegamos ao fim deste trabalho com algumas questões importantes: que o sentido das palavras está vinculado não apenas à forma, mas também às condições de produção e ao interdiscurso; que o IFSul constituiu-se um acontecimento capaz de alterar a ordem do discurso; que o efeito metafórico, constitutivo da língua, possibilita o deslizamento de sentidos; que a tensão entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia), impulsiona o sujeito a assumir diferentes posições; que o processo de referencialidade, a partir das relações entre as diversas designações que permitem fixar as relações de referência, acolhe o fato de que língua falha, e nos entremeios possibilita a produção de diferentes efeitos de sentido.

Enfim, foi possível vislumbrar que a forma como os sujeitos se referem ao IFSul, mesmo que utilizando expressões diferentes e palavras que possivelmente não colocaríamos numa mesma família parafrástica (no sentido tradicional), remetem a uma historicidade comum: a de que por muito tempo os cidadãos desta fronteira tiveram tolhido seu direito a uma educação pública, gratuita e de qualidade.

¹⁴ Sobre a questão, ainda incipiente em AD, sobre formação cultural, trago uma proposta de Leandro-Ferreira: “O nosso desafio, enquanto analistas, é considerar essa noção teórica assim complexa, a *cultura*, como fazendo parte do *corpo discursivo* [...] O *corpo cultural* entraria no dispositivo como construto teórico e lugar de inscrição do sujeito. [...] proporia ainda que se pense a *ordem do discurso*, compreendendo a ordem da história, a ordem da língua e a ordem da cultura, *cada uma com uma forma de organização própria*” (p. 60, 2011).

Referências

BETANCOR, Gladys Teresa. Las fronteras em um contexto de cambios: la vida cotiada em ciudades gemelas – Rivera (Uruguay) y Sant’Ana do Livramento (Brasil). **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO. v. 2, n. 3. maio/2008. p.18-42.

CITOLIN, Cristina. **Eu falo, tu hablas, vos hablás, nós ensinamos e aprendemos juntos**: aulas de línguas em cursos binacionais. Tese de doutorado. São Leopoldo: UNISINOS, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: UFSCar, 2009.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2001.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. A trama enfática do sujeito. In: INDURSKY, F. e LEANDRO FERREIRA, M.C. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. In: INDURSKY, F., MITTMANN, S. e LEANDRO FERREIRA, M.C. **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 5^a ed, 2003.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F e HAK, T. [org] **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. **ORGANON**, Porto Alegre, Vol. 17, Número 35, p.245-282, 2003.